

Os Fatores Projetuais de Criação da Capa do Disco Clube da Esquina (1972)¹

Valéria Nanci de Macêdo SANTANA²
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.

RESUMO

Este artigo trata da formulação de um conjunto analítico para reflexão sobre a concepção da capa do primeiro disco de um dos mais relevantes períodos da música brasileira: o *Clube da Esquina*. Para isso é utilizado, especialmente, um método já existente de análise dos *fatores projetuais* de criação, enfocando os aspectos geométricos, filosóficos e psicológicos encontrados em Gomes, Brod Jr., & Medeiros (2018), procurando elucidar peculiaridades da feitura desse artefato gráfico. Nesta ocasião, a conexão com o tema *Comunicação, Imagem e Imaginários* se dá a partir do momento em que aqui se estuda os processos comunicativos intercedidos por imagens, em que a elaboração e veiculação destes, e seus elos com a cultura, o instinto social e o imaginário, se faz presente em uma embalagem personalizada para LP (*Long Play*).

Palavras-Chave: Fatores Projetuais; Criação; Capa de Disco; Clube da Esquina.

1— Introdução

Enquanto as capas de discos nos anos 1970, em uma escala mundial, sofriam a influência do *punk* e do narcisismo da *geração do eu*, o contexto nacional viu algumas de suas embalagens personalizadas para fonogramas transitarem por uma fase de outros tipos de experimentações. Em 1972, por exemplo, um ano que ficou conhecido como o do surgimento de diversos vinis importantes no cenário da música brasileira, o LP *Clube da Esquina*³ foi lançado, revelando uma criação gráfica, como artefato da *cultura material*⁴, diferenciada em relação às que se fazia no período, cabendo, então, uma reflexão minuciosa a respeito do seu processo criativo.

2 — Clube da Esquina (1972): Uma Capa, Uma História

A chegada dos anos 1970 trouxe consigo a consolidação do *Clube da Esquina* no cenário musical brasileiro, sobretudo com a gravação do seu primeiro disco em 1972,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginários, no XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018.

² Doutoranda do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade – POSCULT-UFBA, e-mail: valeriananci@ig.com.br.

³ Disco que trouxe uma mistura de sons nunca antes ouvida na música brasileira, sofrendo influência do jazz, do folclore mineiro, da banda The Beatles e das harmonias pop.

⁴ “A expressão cultura material refere-se a todo segmento do universo físico socialmente apropriado” (MENEZES, 1997, p. 100).

“(…) depois do período inocente que caracterizou a sua formação em Belo Horizonte”
(CORRÊA, 2002, p. 15).

A história por trás da feitura da sua capa (figura 1), contada e recontada em diversas entrevistas, revela um dos projetos gráficos mais emblemáticos dessa *geração* e, portanto, merece destaque.

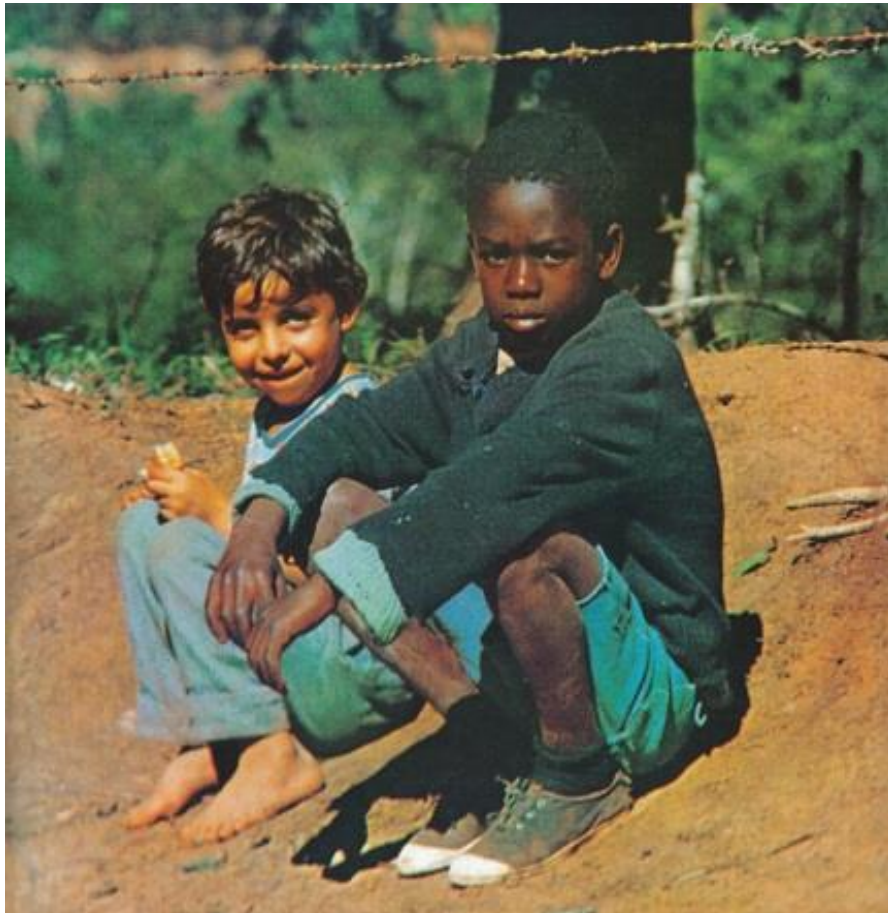


Figura 1 — Capa do disco *Clube da Esquina* (1972)

Fonte: <http://alataj.com.br/vitrola/clube-da-esquina>

Em depoimento ao site Museu Clube da Esquina seu autor, Carlos da Silva Assunção Filho (figura 2), — pernambucano, mais conhecido como Cafi, nascido em 20 de fevereiro de 1950 — considerado por muitos como um dos integrantes do grupo, esclareceu detalhes da sua criação.



Figura 2 — Carlos da Silva Assunção Filho (Cafi)

Fonte: http://lulacerda.ig.com.br/2013/page/360/?doing_wp_cron

Foi muita briga para fazer a capa do disco “Clube da Esquina”. A Odeon, por exemplo, tinha uma forma, uma maneira de fazer capa, que era um plástico, uma coisa estranhíssima, era um envelope. Ao mesmo tempo, eu fiz aquela foto dos dois meninos, que foi perto da fazenda do Ronaldo. Eu olhei e disse: “A capa é essa!” — eu até me inspirei num disco, “Portrait”, do Bob Dylan. Fui na Odeon mostrar a capa, e tinha um diretor artístico – não tinha departamento gráfico —, Milton Miranda, que achava a gente um bando de maluco — porque era tudo menino, né? Lô com 17 anos, Beto com não sei quanto —, e eu mostrei pra ele e ele disse: “Isso é um absurdo! Eu não vou fazer uma capa que não tenha a foto do cara. E não tem nome nenhum!”, Eu disse: “Mas Milton, é isso aí”. (...) Escolhi a foto dos dois meninos porque acho que tinha um sentimento. Era uma questão de resistência, porque todo mundo estava exilado. A Gal, de uma certa maneira, era porta-voz dos baianos que estavam em Londres. E o Bituca era uma resistência também política e cultural aqui muito forte; o Bituca cantando descalço, assumindo certas posturas, sem camisa, isso na época era uma coisa chocante. E eu acho que tinha um sentimento de brasilidade muito grande. Quando eu ouvia a música do Clube da Esquina, eu sentia muito esse sentimento de brasilidade, dessa coisa mineira, dessa coisa da cachacinha, das coisas simplesmente brasileiras...e era muito confuso, porque nessa época já estava acontecendo Don e Ravel que era um Brasil escroto. Então, se você pegar ali aquela foto da capa, primeiro de tudo, era uma coisa extremamente rural; na realidade, eu vejo o Clube da Esquina como um encontro musical — ele é uma música meio rural misturada com uma coisa totalmente pop, mundial já, com referências da Bossa Nova. Tem muito de Beatles nessa história, misturado com a coisa da viola. Então a capa era aquilo. E representava Milton e Lô Borges, eram dois meninos, um pretinho e um coisinha mais nova sentada na estrada. E eles estavam realmente sentados ali; não foi montagem. Eu estava passando, vi os dois meninos sentados e fotografei⁵.

⁵ Fonte: <http://www.museuclubedaesquina.org.br/museu/depoimentos/cafi/#discos>.

O fato de não utilizar a já tradicional forma de se fazer capas de discos, enfocando o rosto dos cantores/compositores/músicos em meio ao narcisismo da *geração do eu*, acabou por trazer uma série de transtornos ao processo criativo da imagem para esse vinil, isso porque

[e]sta ousadia (...) provocou desavenças com a EMI-Odeon, que exigia ao menos o nome dos autores do lado de fora dos LPs lançados no período. Sem conseguir burlar, por completo, tal imposição que visava ao lucro e à propaganda, Cafè e outro fotógrafo, Nogushi, bolaram uma contracapa [figura 3] que trazia o título ‘Clube da Esquina’ debaixo dos nomes de Milton Nascimento e de Lô Borges. Porém, acompanhando os letrados havia um retrato no qual os dois músicos apareciam caminhando ao lado de algumas crianças, numa menção ao despojamento e à ludicidade que, parcialmente impedidos, continuaram presentes (DINIZ, 2012, p. 96).



Figura 3 — Contracapa do disco *Clube da Esquina* (1972) exibida como “capa principal” nos displays das lojas: uma exigência da gravadora ODEON. Na foto Milton Nascimento e Lô Borges caminhando com crianças

Fonte: <http://zinemundounderground.blogspot.com/2012/03/clube-da-esquina-no-vitinho-nesta-sexta.html>

Sobre esse episódio, Cafí, mesmo tendo sido obrigado pela gravadora a fazer uma contracapa como se fora uma capa com o uso de fontes tipográficas enfocando os principais autores do disco, revelou que algo inusitado acabou por acontecer assim que esse LP foi lançado.

(...) a Odeon recomendava botar a contracapa na frente, com o letreiro que eles tinham me obrigado a fazer. Nos primeiros 15 dias, era o letreiro que saía nas lojas de discos. Depois de 15 dias, eles foram virando, porque era muito mais inusitado dois meninos sentados na estrada sem nada escrito⁶.

Sobre as fotos do encante interior — figura 4 — “(...) assim como a capa do LP (...) evidenciavam a informalidade, o despojamento e a resistência a certos padrões definidos pelas gravadoras” (DINIZ, 2012, p. 148).

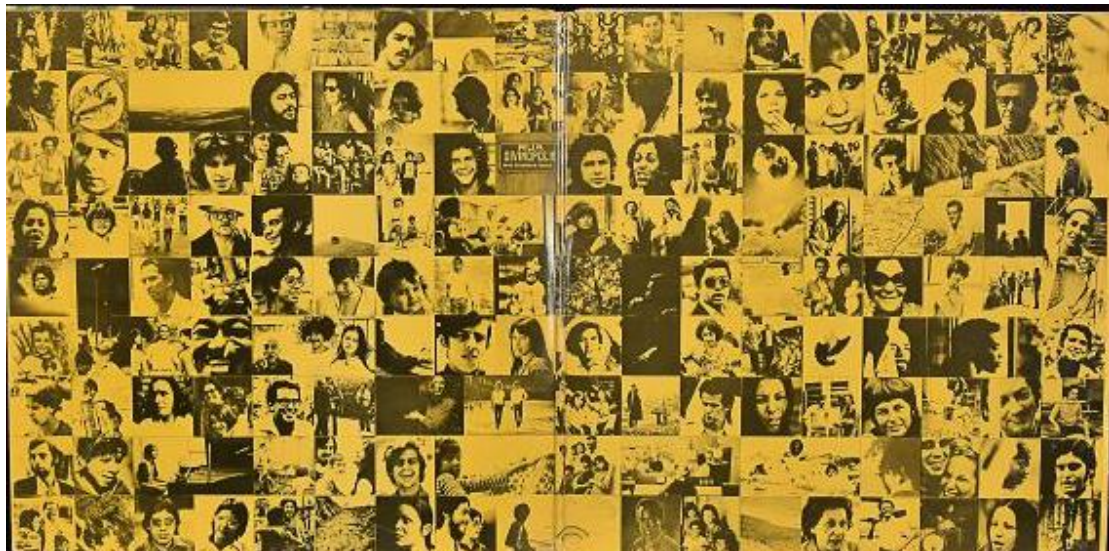


Figura 4 — Miolo da capa de *Clube da Esquina* (1972) com a fotografia dos participantes do disco
Fonte: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=345868>

O disco, assinado por Milton Nascimento e Lô Borges, foi fruto de várias divergências também quanto à escolha do seu nome. A princípio se chamaria *Documento Secreto n.º 5*, fazendo uma relação direta com a ditadura militar, que provocativamente “(...) significaria um óbvio contraponto ao Ato Institucional n.º 5, opondo a criatividade, a arte e as amigadas envolvidas em sua confecção à censura, à repressão e à arbitrariedade política” (DINIZ, 2012, p. 148).

⁶ Idem.

3— Os Fatores Projetuais de Criação

A criação de uma capa de disco passa por diversos aspectos que devem ser levados em consideração em sua feitura. Da mesma forma, para sua compreensão os mais variados fatores têm que ser vistos como importantes. Não há como considerar apenas uma abordagem acadêmica nesse sentido: uma compreensão humana mais aprofundada se faz necessária. Desse modo, o projeto desse artefato gráfico deve ser examinado a partir de aspectos que vão além da criação das formas, passando a considerar, também, a percepção humana e sua produção de significados, onde os *fatores projetuais* ganham evidência.

Se Gomes & Medeiros em 2007 afirmaram que “[p]rojetar é equacionar fatores tecnológicos, culturais, ergonômicos, econômicos, ecológicos e estéticos”, em 2010, na obra *Ideias, Ideais e Ideações para Desenho Industrial Design* (p. 120), eles propuseram que devem ser utilizados “(...) nove fatores projetuais como um método de ensinar Desenho industrial em Design”. Refletindo em termos de criação de capa de disco, a aplicação do entendimento de tais fatores pode ajudar à compreensão de alguns princípios projetuais e criativos de sua feitura.

Em *A Canção do limão: 25 Juicy Salif/48 Led Zeppelin*, livro lançado em 2018, Gomes, Brod Jr., & Medeiros criaram um diagrama, baseado em modelo de UFFE ELBAEK (2003), reafirmando a importância de tais fatores projetuais de projetos de produto industrial que devem ser levados em consideração em um processo criativo (figura 5).

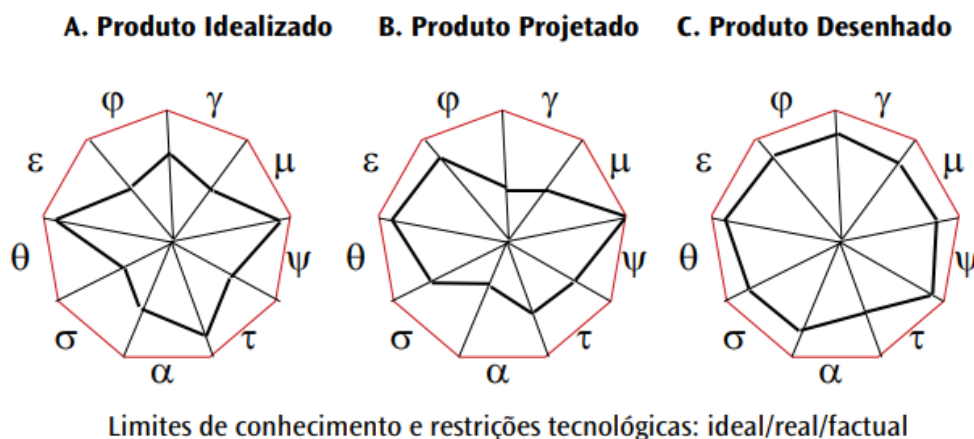


Figura 5 — Diagramas baseados em modelo de UFFE ELBAEK (2003): produto idealizado pela direção; projetado pelo time de desenvolvimento; e desenhado pela equipe de desenhadore

Fonte: Gomes, Brod Jr., & Medeiros (2018, p. 210)

Os diagramas acima demonstram as hierarquias de “fatores projetuais” (cf., ARCHER, Bruce, 1964); o “equacionamento de fatores projetuais” (cf., REDIG, J., 1977/2005); e como eles se comportam em momentos de idealização; projeção; fabricação (Cf. BOMFIM, G. A., 1978). Recomendamos o equacionamento de nove fatores: α = Antropologia; σ =Ecologia; θ = Economia; ε = Ergonomia; φ = Filosofia; γ = Geometria; μ = Mercadologia; ψ = Psicologia; τ = Tecnologia (GOMES, BROD JR, & MEDEIROS, 2018, p. 210).

Numa análise mais aprofundada, é possível observar que, na proposição dos autores, a circunstância que se coloca nos diagramas é a de um estudante se posicionando diante do projeto de um produto a partir do modo como ele realiza esses *fatores projetuais* em sua concepção de entendimento.

Nessa situação, o perfil cultural de um estudante há de ser percebido através do modo como se posiciona, hipoteticamente, diante de cada um desses atores. Entretanto, para isso acontecer, necessário é perceber, hierarquizar e equacionar os nove fatores projetuais. O estudante precisa saber o que vai priorizar nas linhas dadas ao seu desenho (GOMES, BROD JR, & MEDEIROS, 2018, p. 210).

Fazendo uma analogia com o processo de criação de capa de disco, o capista toma para si o papel do estudante, já que a composição desse artefato depende dos *fatores* levados em consideração no ato criativo.

3.1 — Análise dos Fatores Projetuais da Criação da Capa do Disco Clube da Esquina (1972)

Acreditando que as embalagens personalizadas para LPs não podem ser vistas como meros objetos de consumo⁷ aqui se resolve ir além de uma análise de parâmetros adotados na confecção capista da obra *Clube da Esquina* (1972), partindo, então, para a busca do entendimento dos seus *fatores projetuais geométricos*⁸ (ordem/arranjo⁹),

⁷ “Uma capa de disco de vinil, pode ser analisada sob diversos aspectos, o que traz abrangência para os conceitos formais deste objeto. Em ‘Técnicas Analíticas para Produtos Industriais — Estudo de Caso para Capas de Discos de Vinil ou Elepês’ de Gomes et. al (2013) o disco recebe abordagem como um produto gráfico industrial que abrange muitos valores. Como fruto de uma época, o disco, aqui (...) é considerado não só um produto de consumo da indústria fonográfica mas também objeto disseminador de cultura, ideia e comportamento” (REIS, 2016, p. 76).

⁸ Sobre a síntese funcional e coerência formal dos fatores geométricos pode-se dizer que “A principal causa da atração visual não é a complexidade intrínseca de um objeto, mas a complexidade percebida pelo observador. Assim, um produto bastante complexo pode ser percebido como mais simples e familiar, contribuindo para aumentar a sua familiaridade. A simplicidade tende a aumentar a segurança das pessoas, da mesma forma que a complexidade ou o desconhecido provocam insegurança. A complexidade também é um conceito relativo” (BAXTER, 2000 p.34).

⁹ “A ordem em um produto industrial é determinada por um pequeno número de elementos configurativos e por uma pequena quantidade de características de ordenação. Para a percepção humana, uma ordem elevada significa uma oferta de percepção com baixo conteúdo de informação. Em consequência, esse tipo de configuração é rapidamente captada, mas tem uma escassa capacidade de manter a atenção do observador, que se aborrece com a monotonia e pode se desviar para outras coisas. (...) Ao captar e compreender rapidamente em todos os seus detalhes, os objetos de

filosóficos (estética/ética) e *psicológicos* (percepção/criação) e de suas classificações enquanto criação, a partir de um exame que segue critérios que unem a manifestação imagética da capa do disco supracitado relacionada ao contexto sócio-político e estéticocultural brasileiro nos anos 1970 (ao qual está vinculada), em que se investiga a noção de imagem, de representação, de imaginação e de imaginário do ato criativo do seu autor.

Lembro que para chegar ao entendimento de tais *fatores* utilizados na composição dessa capa se optou, nessa ocasião, por se fazer um exame minucioso dos seus elementos, ligando a proposta de apreciação dos *fatores projetuais* encontrada em Gomes, Brod Jr., & Medeiros (2018, p. 210) — considerando os **padrões cromáticos** (cores utilizadas); o **corte de fotografia, enquadramento, feicismo**¹⁰ (termos que designam a delimitação da imagem); e **proporção áurea** (que indica a medida perfeita entre elementos) — à uma analogia¹¹ ao cinema — ao mencionar o plano de tomada da cena (citado no site *Cine Mundo*¹²) — para o entendimento da composições da imagem capista como um todo.

Com projeto gráfico e fotografia de Cafí — no qual dois amigos, Cacau e Tonho, aparecem em uma estradinha de terra perto de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, próximo de onde moravam os pais adotivos de Milton Nascimento — essa embalagem personalizada de disco apresenta *fatores geométricos, filosóficos e psicológicos* de criação bastante relevantes.

Como *fatores geométricos* essa criação exhibe uma síntese e coerência formal; traz harmonia (formas simples, sintéticas) e integração entre as partes, componentes e elementos; possui uma ordem geométrica média em detalhes curvados e retos; não faz

ordem elevada liberam a percepção para outros estímulos. Ao contrário, um ambiente altamente complexo, onde a percepção humana recebe uma multiplicidade de informações, dá uma sensação de insegurança, que pode atuar sobre a psique humana. Por essa razão preferimos os objetos configurados com alto grau de ordem. (...) todos os objetos que possuem uma ordem elevada, que emitem pouca informação, têm um baixo valor na captação da atenção e são compreendidos rapidamente, com pouco esforço perceptivo” (LÖBACH, 2001, p. 166-167).

¹⁰ Neologismo português originário da palavra composta inglesa *face-ism ratio* (Cf. LIDWELL *et alii*, 2003, pp.72-73); uma expressão associada com viés de atratividade, viés de rostos infantis, condicionamento típico, enquadramento, proporção cintura-quadril. Muito utilizado em capas de discos na qual se valoriza o (s) artista(s): seus olhos, boca, rosto, perfil, tronco ou corpo inteiro. Responsável por gerar uma imagem que influencia o modo como uma pessoa é percebida. Sua taxa varia em uma escala de 0.00 a 1.00.

¹¹ Analogias são de extrema importância porque elas “ampliam as possibilidades de estudo” (GOMES, BROD JR, MEDEIROS, 2015, p. 60).

¹² “(...) site de entretenimento dedicado à cultura pop em geral criado em 2013”. Fonte: <http://www.cinemundo.net.br/sobre-2/>.

uso de fontes tipográficas; emprega uma linguagem pictórica fotográfica (forma orgânica).

Como *fatores filosóficos* pode-se dizer que esteticamente essa capa é um marco não só na carreira do capista (Cafi), mas, também, na Música Popular Brasileira através do lançamento desse disco, sobretudo por sua linguagem pictórica fotográfica (forma orgânica) utilizada no processo criativo, a partir de um *plano geral*¹³ — com o intuito de mostrar o cenário onde se passava a história — enfocando uma zona rural e seus personagens: dois meninos, de aspecto humilde, sentados à beira da estrada de terra, que acabam por representar os cantores Milton Nascimento e Lô Borges. Há, aqui, o emprego de tons claros, sugerindo simplicidade e objetividade, onde o não uso de fontes tipográficas acaba por fazer da fotografia seu maior destaque. Eticamente foge aos padrões estabelecidos para a época ao realçar aspectos rurais do Brasil a partir do uso de elementos contraculturais.

Como *fatores psicológicos* pode-se dizer que criativamente há a simplicidade como fator nessa produção, com a predominância do verde e amarelo, lembrando elementos da bandeira do Brasil, bem como da tonalidade “amarronzada” remetendo à ideia de terra batida de uma zona rural. Perceptivamente no enquadramento fotográfico (*plano geral*) dessa capa há uma clara intenção de dar destaque aos dois meninos, em corpo inteiro, — sem a necessidade de se ter um grande enfoque em seus rostos —, bem como ao pano de fundo da imagem, que revela a intenção de captura da paisagem pretendida pelo fotógrafo. Em relação à proporção áurea a fotografia dessa capa consegue oferecer um equilíbrio para a atenção a ser dada pelos olhos do espectador entre os personagens e a locação.

4 — Conclusão

Se a capa de *Clube da Esquina* atravessou décadas e, mais de 40 anos depois, ainda é lembrada e reverenciada, muito se deve aos *fatores projetuais geométricos, filosóficos e psicológicos* utilizados em sua criação.

Essa embalagem de LP revela, pouco a pouco, detalhes de um Brasil interiorano que se quis traduzir em imagem: nela é possível sentir e ver um encantamento que seduz, como uma espécie de bucolismo manifestado pela fotografia de dois meninos,

¹³ *Plano Geral* é o plano panorâmico da cena.

um negro e um branco, parecendo repousar em um breve momento à beira de uma estrada de chão batido, onde o arame farpado traça um horizonte acima de suas cabeças. A simplicidade da cena, que chama a atenção, revela o anseio de focar uma humildade em um contexto onde as cores claras e o aspecto solar evidenciam um país tropical.

O *plano geral* que esboça a vontade de uma cena total e a linguagem pictórica orgânica, que se encarrega dessa função, fizeram dessa capa de disco um artefato da *cultura material* dos mais importantes no âmbito da música popular brasileira, em especial.

Se hoje é possível compreender que o artefato gráfico de *Clube da Esquina* é a cara do Brasil, isso se deve à vontade e desejo, esboço e tradução, imagem e linguagem impressos nessa embalagem de fonograma, aqui desvendados através da análise dos seus *fatores projetuais* de criação.

Referências

BAXTER, Mike. **Projeto de Produto:** Guia prático para o design de novos produtos. 2 edição. Tradução: Itiro Iida. Ed. Blucher, SP, 2000.

CORRÊA, Luiz Otávio. **Clube da Esquina e Belo Horizonte:** romantismo revolucionário numa cidade de formação ambígua. 2002. 154 p. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Ciências Humanas, Belo Horizonte, MG.

DINIZ, Sheyla Castro. **"Nuvem cigana":** a trajetória do Clube *de* Esquina no campo da MPB. 2012. 249 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/278903>. Acesso em: 02.01.2018.

GOMES, L.; MEDEIROS, L. Nine Factors Guiding the Theory in Design Education and the Practice of Teaching in Industrial Design. **DEFSA International Design Education Conference 2007.**

GOMES, L.A.V.N; BROD JR; M. MEDEIROS, L.M.S. **A Canção do limão:** 25 Juicy Salif/48 Led Zepelin. Curitiba: Kotter, 2018.

_____. **Sgt Pepper:** projeto e desenho da capa [48 anos]. Rio de Janeiro: sCHDs, 2015.

LIDWELL, W.; HOLDEN, K.; BUTLER, J. **Universal Principles of Design.** Gloucester, MA: Rockport, 2003.

LÖBACH, Bernd. **Design Industrial**. São Paulo: Editora Edgard Blücher LTDA, 2001.

MEDEIROS, Ligia; GOMES Luiz Vidal. Nove Fatores Projetuais no Design/Desenho Industrial. In: MEDEIROS; GOMES. **Ideias, Ideais e Ideações para Desenho Industrial Design**. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2010, pp. 99 — 122.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. **Memória e cultura material**: documentos pessoais no espaço público. In: Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais, Rio/São Paulo, CPDOC/FGVIEB/USP, 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view%20File/2067/1206>. Acesso em: 18.04.2017.

REIS, Shayenne Resende. **Capas de discos de artistas goianos**: um retrato da memória gráfica em Goiás. 2016. 117 p. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Design, Rio de Janeiro, RJ.

Web sites visitados

<http://alataj.com.br/vitrola/clube-da-esquina>. Acesso em: 06.05.2018.

http://lulacerda.ig.com.br/2013/page/360/?doing_wp_cron. Acesso em: 15.08.2016.

<http://www.cinemundo.net.br/sobre-2/>. Acesso em: 12.02.2018.

<http://www.museuclubedaesquina.org.br/museu/depoimentos/cafi/#discos>. Acesso em: 07.05.2016.

<http://zinemundounderground.blogspot.com/2012/03/clube-da-esquina-no-vitinho-nesta-sexta.html>. Acesso em: 31.05.2018.

<https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=345868>. Acesso em: 31.05.2018.